

CRATO, "CAPITAL" DA REGIÃO DO CARIRÍ

PASQUALE PETRONE

Completando seu estudo a respeito da região do Cariri (Ceará), publicado em o nº 19 do Boletim Paulista de Geografia (março de 1955), o prof. PASQUALE PETRONE, sócio efetivo da A. G. B. e assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, examina no presente trabalho a geografia urbana da cidade do Crato, principal centro e verdadeira "capital" daquela importante região cearense.

Os centros urbanos da região do Cariri. — A presença das fontes na escarpa setentrional do Araripe, permitindo que no Cariri se desenvolvessem atividades econômicas de destaque para o meridiano cearense e tornando a região um centro de atração para as populações fustigadas pelas sécas, condicionou o florescimento de numerosos núcleos urbanos pouco distanciados uns dos outros, grosseiramente alinhados pela balisa representada pela escarpa: Barbalha, Missão Velha, Santanópolis, Brejo Santo, Milagres, Quixerá, Caririáçu, Mauriti, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte. Alguns, como o Crato, Juazeiro do Norte ou Missão Velha, são centros tipicamente caririenses; outros, como Quixerá, Mauriti ou Caririáçu, são marginais, participando, todavia, da vida regional.

De acordo com o recenseamento de 1950 (1), o efetivo demográfico dos municípios e respectivas sedes era o seguinte:

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO TOTAL	NA SÉDE (Cidade)	% DA SÉDE NO TOTAL
Barbalha	23.158	4.289	18,52
Brejo Santo	29.659	2.974	10,03
Caririáçu	23.432	1.667	7,11
Crato	48.503	16.030	33,05
Jardim	24.155	2.553	10,57
Juazeiro do Norte	56.904	42.703	75,04
Mauriti	24.863	2.232	8,98
Milagres	29.727	2.309	7,77
Missão Velha	32.832	5.039	15,35
Quixerá	19.040	1.304	6,85
Santanópolis	22.035	1.758	7,98
ESTADO	2.735.702	512.730	18,74

(1) I.B.G.E. — CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *Recenseamento Geral do Brasil* — (1.º de Julho de 1950) — *Sinopse preliminar do Censo Demográfico* — Rio de Janeiro — 1951.

A tabela em questão fornece-nos alguns elementos bastante sugestivos. Em primeiro lugar, transparece, de imediato, a importância demográfica da região. Em um total de 2.735.702 habitantes, que é quanto possuía o Estado em 1950, os municípios relacionados contribuíam com 335.308 habitantes. Em segundo lugar, destaca-se o conjunto da população urbana, em relação ao Estado. A população urbana do Cariri somava 82.858, em um total de 512.730 habitantes. Aliás, enquanto a população urbana representava 18,74% do total do Estado, no Cariri a população urbana subia a 24,7% do total. De um modo geral, pelo menos, a concentração urbana no Cariri é maior que no Estado considerado globalmente. Bastante razão, portanto, tinha o prof. Pierre Monbeig ao escrever: "a terceira mancha de densidades elevadas corresponde à celebre região do Cariri, no pé setentrional da chapada do Araripe. O record de Juazeiro deve ser colocado de lado, pois a zona rural do município é muito pequena. É um fenómeno urbano de um tipo especial, que merecia uma monografia" (2).

Realmente em todo o Brasil não encontramos outro caso que se assemelhe ao de Juazeiro do Norte. Enquanto as demais cidades do Cariri são relativamente antigas — Barbalha, por exemplo, é capela desde fins do século XVIII e, em 1838, é desmembrada de Missão Velha, mais antiga; Jardim, já era freguesia em 1814, desenvolvendo-se graças à afluência de retirantes baianos, Juazeiro do Norte é bastante recente. Em 1872 não passava de povoado medíocre, com 32 casas de tijolos e taipas. Em 1911 torna-se vila e sede municipal, adquirindo fóros de cidade no ano de 1914. Com 42.703 habitantes em 1950, Juazeiro do Norte era a segunda cidade cearense e uma das maiores cidades nordestinas, particularmente do interior. Crescendo à sombra do Padre Cícero, Juazeiro atraiu milhares de pessoas dos sertões nordestinos e do vale do São Francisco. Mendigos miseráveis, místicos, doentes, simples admiradores da obra do padre, retirantes, buscaram frequentemente acolhida à sombra da capela do Juazeiro do Norte. Embora não poucos se estabelecessem nas zonas rurais, principalmente do Crato, a maioria adensou-se em um amontoado irregular, desordenado e miserável de casebres, um acampamento desorganizado que, hoje em dia, graças à atividade das administrações municipais que se sucederam, apresenta-se já com aspecto realmente urbano. Tornou-se um centro de pequenas atividades industriais — armas de fogo, facas, calçados, artefatos de couro —, mas continua sua existência sob a influência daquele que foi seu verdadeiro criador. Toma-se no Crato um

(2) MONBEIG, Pierre — *Observações sobre a distribuição das densidades de população no Estado do Ceará* — em "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros" — São Paulo — n.º 5 — Novembro de 1944.

carro para Juazeiro do Norte e o motorista tem a efigie do padre Cícero junto ao para-brisas; penetra-se na cidade pela rua principal — a Rua Padre Cícero; pelas janelas ou portas abertas no correr das casas, percebe-se quase sempre, nas salas de frente, verdadeiros altares ou conjuntos de parede profusamente adornados com flôres, com as efigies de Nosso Senhor, Maria Santíssima e, não raro do padre Cícero. Abandona-se a cidade e na saída para Caririagú, na parede branca do Posto Fiscal, lê-se: "Posto Fiscal Especial da Vila do padre Cícero". A cidade continua sendo um centro de romarias, efetuando-se atualmente três grandes romarias anuais — em Julho (aniversário da morte do padre Cícero), em Novembro (finados) e em Dezembro (festa da padroeira) (3).

Interessante será observar que êsse importante centro situa-se a apenas 12 Km do Crato, o segundo centro populacional da região. Muito próximos, com tendências a se aproximarem mais, graças ao crescimento nas duas direções, são, entretanto, cidades muito diversas. Uma, o Crato, antiga, ordenada, tradicional, estratificada; a outra, Juazeiro do Norte, recente, desorganizada, dominada ainda por adventícios.

Considerando, portanto, que o caso de Juazeiro do Norte é excepcional, merecendo, como disse o prof. Monbeig, uma monografia, e considerando que as demais cidades são pequenas, têm 5.000 ou menos habitantes — centros administrativos e comerciais, sédes de feiras e com pequena atividade industrial preocupar-nos-emos com a cidade do Crato em especial, pois é ela indiscutivelmente, a mais representativa da região.

A CIDADE DO CRATO

O sítio urbano. — A área onde se localiza a cidade do Crato faz parte da zona em que o extenso peneplano nordestino dá lugar a uma topografia mais movimentada, em virtude da presença da chapada do Araripe. Distanciada cêrca de 600 Km de Fortaleza, a cidade do Crato assenta-se em meio a uma área levemente ondulada, com vertentes muito suaves, fundos de vales amplos, com tôpos interfluviais de altitudes relativamente modestas. Dominam as altitudes entre 400 e 430 metros, estando a cidade a cêrca de 420 metros. A cidade surgiu junto ao rio Granjeiro, tributário do Bata-teiras, um dos formadores do Salgado. O vale do Granjeiro, em largo trecho, é fortemente dissimétrico; a vertente da margem esquerda, formando o morro do Seminário, é abrupta e parece ter sido entalhada em arenitos, enquanto que a vertente da margem direita

(3) Sobre o Juazeiro, ler a excelente obra de LOURENÇO FILHO — *Juazeiro do Padre Cícero*, ed. Melhoramentos, São Paulo.



Foto 1 — Panorama do Crato, obtido do morro do Seminário. Destaca-se a "clareira" deixada no casario pela passagem do rio Granjeiro. Além de, até recentemente, ter delimitado o crescimento do Crato, o rio Granjeiro deve ser considerado fator fundamental de sua localização. (Foto A. Ab'Sáber)

é bastante suave, alteando-se lentamente para o morro do Barro Vermelho, esculpida sobre arenitos e afloramentos do cristalino, tendo sido o sítio originário do núcleo. Ao longo do Granjeiro, entre o morro do Seminário e o alto do Morro Vermelho, o Crato parece estar situado em uma área de drenagem centripeta; pequenos afluentes do Granjeiro e seus tributários convergem para esse local, originando a modesta bacia onde pôde se desenvolver a cidade.

O crescimento urbano. — Um dos centros mais antigos da região, o Crato tem sua origem intimamente ligada ao alvorecer do povoamento, particularmente relacionada com as missões religiosas que, no início, contribuíram relevantemente para o devassamento do vale. Entre essas missões destacou-se a do Miranda ou Cariris Novos, futura povoação do Miranda, no sítio onde hoje encontramos a cidade. Surgido em torno de uma capela em meados do século XVIII e ressentindo-se dos aspectos que caracterizaram o povoamento da região, o Crato não passou, em todo o decorrer desse século, de tosco vilarejo. O aldeamento indígena, que lhe dera vida, veio a desaparecer completamente na primeira metade do século XVIII e, conforme foi visto (4), os arredores eram apenas utilizados pela criação, desde que a agricultura ainda não tomara pé em suas férteis terras: Isso não impediu, entretanto, que em 1764 fosse elevada a *Vila Real do Crato* e criada freguezia em 1768. O início do aproveitamento da região pelas atividades agrícolas trouxe ao Crato nova vida, porém não impediu que, nos primeiros anos do século XIX, se apresentasse ainda como um aglomerado de palhoças, no qual raras eram as casas de alvenaria (5). As habitações, modestas, ladeariam poucas ruas, sendo que mesmo as ruas principais, com seu traçado tortuoso, forneceriam ao Crato uma estrutura bastante irregular. "Por ter acompanhado os torcicolos de uma estrada é agora mui sinuosa a Rua José Carvalho, antiga das Laranjeiras. Ao ponto desta fizeram uma outra, menos tortuosa, a Pedro II, outrora da Pedra Lavrada" (6). Do começo do século XIX, Aires de Casal fornece-nos o seguinte quadro do Crato e arredores: "Crato, vila medíocre (7), assentada numa planura junto da ribeira a que empresta o nome, e é uma das cabeceiras do rio Salgado, ornada com uma igreja paroquial de N.S. da Penha, é a mais abastada e mimosa de toda a província. Todas as árvores fruti-

(4) PETRONE, Pasquale — "Contribuição para o estudo da região do Cariri — Ceará" — Boletim Paulista de Geografia — n.º 19 — março de 1955.

(5) GIRÃO Raimundo — "Panorama econômico do Ceará" — in "O Ceará" — Fortaleza — 1939.

(6) PINHEIRO, Irineu — "O Cariri" — Sua descobrimento, povoamento, costumes — Fortaleza — 1950.

(7) O autor quer significar — de pequeno porte, pequena.



Foto 2 — Um dos principais problemas que Crato teve de resolver foi o da água. Hoje, graças à captação das águas de fontes da escarpa do Araripe, o centro urbano está servido por rede de água encanada. Todavia, a população da periferia, particularmente das partes altas, caminha centenas de metros para obter água nas torneiras públicas. (Foto P. Petrone)

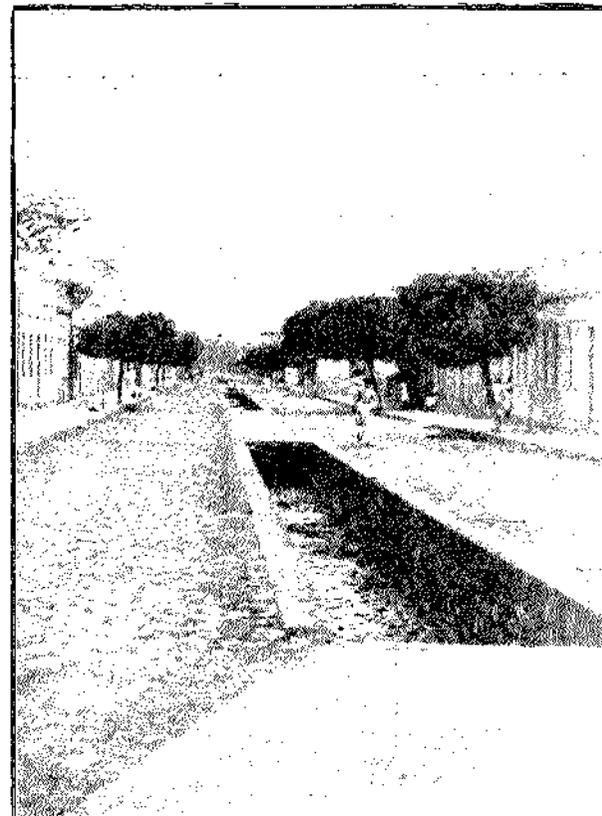


Foto 3 — A cidade de Crato está situada em uma pequena área de convergência de modestos cursos d'água, alguns temporários. Um destes últimos, que atravessava o centro urbano, foi canalizado e aproveitado simultaneamente para escoamento de águas pluviais e vazão de parte dos esgotos. É a principal característica da rua Tristão Gonçalves, a "rua da Vala" para a maioria dos habitantes. (Foto P. Petrone)

feras do continente prosperam em fértil terreno de seu distrito, onde se aproveitam as águas correntes para regar as lavouras, sem exceptuar os mandiocais, quando lhes faltam as chuvas; razão porque sempre se recolhe super-abundância de mantimentos que são o recurso de outros povos, quando nos anos secos experimentam carestia” (8). Apesar de se tornar cabeça de comarca em 1816, e apesar de alguns fatores favoráveis já pesarem numa fase de crescimento mais acentuado para o Crato, a verdade é que, pelos dados ou pelas impressões que a seu respeito podemos recolher, relativos a diferentes fases do século XIX, concluímos que, em todo esse período, continuou a ser ainda uma “vila medíocre”, no dizer de Aires de Casal. De acordo com R. Girão, por volta de 1835, o Crato não só passou a destacar-se entre os aglomerados do Cariri, mas entre os de toda a Província. Nessa época, o Crato era, juntamente com a capital, Aracati, Icó e Sobral, uma das cinco primeiras localidades do Ceará. “Tem muitas engenhocas de rapadura pela encosta e pé de serra e no plano à margem das nascentes, principalmente a Batateiras, que é a mais caudal. Apesar de serem os quintais da vila banhados por duas levadas d’água, há muito pouco hortaliça e árvores de fruto, por desmazelo dos moradores. São contínuas as questões d’água, porque cada morador acha necessário para si uma nascente. Há 11.740 habitantes” (9). Em meados do século XIX, Gardner, citado por Hartt, vê no Crato uma pequena vila, e o que mais chama sua atenção são seus arredores, “região muito fértil, produzindo abundante cana, com que se faz um açúcar impuro em forma de pequenos blocos quadrados, além de mandioca, milho, arroz, algodão e fumo, e todas as variedades de frutos que são encontrados na costa. A grande causa desta fertilidade são numerosas fontes que existem ao longo da base das montanhas. Os pequenos cursos d’água que procedem destas fontes são divididos em milhares de direções, afim de irrigar as plantações” (10). É evidente que, desde o início do século, houvera sensível mudança, particularmente nos arredores do aglomerado que, em 1853, viu-se elevado à categoria de cidade (11). Era, então um centro comercial relativamente im-

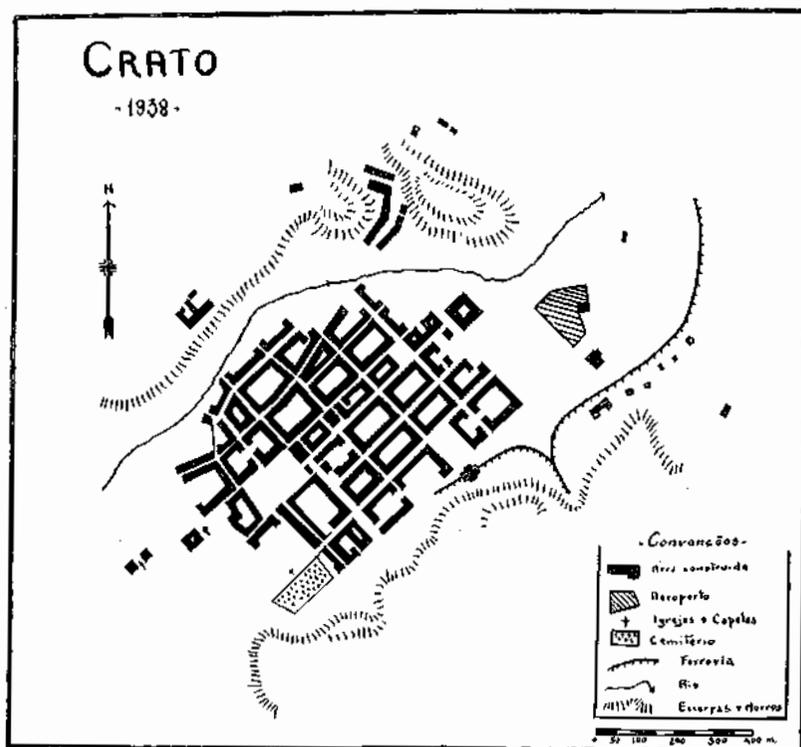
(8) CASAL, Aires de — *Corografia Brasileira ou Relação Histórico — Geográfica do Reino do Brasil* — Ed. Cultura — São Paulo — s/d.

(9) GIRÃO, Raimundo — Obra citada.

(10) HARTT, Charles Frederick — *Geologia e Geografia Física do Brasil* — C. F. Nacional — São Paulo — 1941. Nessa altura, já três tentativas, em 1828, 1834 e 1846, haviam sido feitas para criar a Província dos Cariris Novos, com capital no Crato. Fatos que, de qualquer forma, demonstram bem a excepcional importância da região e a posição que nela desfruta o Crato. Aliás, essa idéia não desapareceu. O major João Segadas Viana, em seu trabalho *Divisão territorial do Brasil* (Rev. Bras. de Geog., ano II — Julho 1940 — n.º 3), propõe a criação do Estado do Araripe, com capital no Crato.

(11) É necessário frisar que Gardner penetrou no Crato em uma época em que as áreas sertanejas estavam sendo assoladas por uma das maiores secas do século. “Em 1845, a província passou por uma seca que reduziu a população à fome. Os sertanejos abandonaram suas moradas, retirando-se para o Cariri e mais terras úmidas da província” (Raimundo Girão, obra citada).

portante e, apesar das dificuldades de comunicações, mantinha relações comerciais, por terra, com Campina Grande e Recife. Perdurava assim, também no intercâmbio comercial, a relação íntima entre o Cariri e as terras pernambucanas e paraibanas (12). Foi só



A cidade do Crato em 1938

mente no fim do século passado, entretanto, que a cidade adquiriu um ritmo de desenvolvimento mais intenso, que perdura até hoje. Graças à atração exercida pelo padre Cicero, e em consequência do incremento da economia regional, Crato pôde crescer e tornar-se, em seguida, a simpática cidade atual, pelos benefícios que recebeu da abertura de várias estradas pela I.F.O.C.S. e pela penetração do caminhão.

A cidade atual. — A atual cidade do Crato por certo surpreende a quem, vindo do sul do país, percorrendo o Sertão nordestino

(12) Veja-se o capítulo sobre *Povoamento*, em PETRONE, Pasquale — *Obra citada*.

pela primeira vez, chega a essa cidade do vale do Cariri. Não é das maiores cidades nordestinas e, no Ceará, é sobrepujada pela capital, Juazeiro do Norte e Sobral; em 1950, o recenseamento acusou uma população de apenas 16.030 habitantes, distribuídos pelas áreas urbana e suburbana; eis a população total:

CRATO (Distrito)	POPULAÇÃO (1950)	DOMICÍLIOS
Urbana	5.222	873
Suburbana	10.808	2.367
Rural	10.048	2.092

Também não é das mais velhas, pois no litoral e no sertão, são inúmeros os núcleos mais antigos e, mesmo no próprio Cariri, aparece Missão Velha como a mais antiga. Isso não impede que possa ser, pelo menos administrativamente, considerada cidade-mãe na região, tendo em vista que os municípios de Juazeiro do Norte, Barbalha, Jardim, Caririacú e mesmo Missão Velha foram desmembrados do Crato. Surpreende, por esses fatos, porque nela encontramos uma cidade pequena, sem dúvida, porém amadurecida na sua estrutura, no seu aspecto, na vida de seus habitantes e, mesmo, em alguns de seus problemas.

Estruturalmente, podemos distinguir no Crato duas áreas: uma central, delimitada aproximadamente pelo Grangeiro e morro do Seminário, e pela ferrovia, constituindo a parte urbana propriamente dita; outra periférica. Na primeira, em terreno praticamente plano, temos ruas que, em sua maioria, se cortam em ângulos retos, originando quarteirões em regra de pequenas dimensões. As praças, largos e jardins, surgem dentro do plano geral por vãos deixados por um quarteirão, total ou parcialmente. Traçado geométrico por excelência, apenas perturbado nas proximidades do rio, onde surge a parte mais velha do aglomerado, com algumas ruas tortuosas, becos estreitos e irregulares. Essa parte contrasta com a periferia, onde as ruas estão surgindo em função do traçado de antigos caminhos ou estradas e onde muitas vezes, uma série de alinhamentos de habitações dispõe-se da forma mais caótica possível. Em alguns casos, esboça-se uma correção desse caoticismo pela superimposição da estrutura em xadrês sobre a anterior.

Esse contraste é acentuado por outros traços, além da simples estrutura dos arruamentos. A parte central do Crato desperta a atenção pela limpeza, sendo essa a primeira impressão que se tem ao chegar. As ruas são quase todas pavimentadas com esmêro e, não raro, arborizadas; as praças são carinhosamente ajardinadas; tudo é bastante ordenado e agrada. Os terrenos baldios não se percebem, não só porque realmente são poucos, mas também porque,

quando existem, são murados, embora sem revestimento, de tal forma a dar a impressão de que estão construídos. No referente às edificações, são raros os sobrados. Dominam, portanto, as casas térreas. São construídas uma ao lado da outra, sem solução de continuidade. Raras as que se erguem isoladas e pouquíssimas pos-

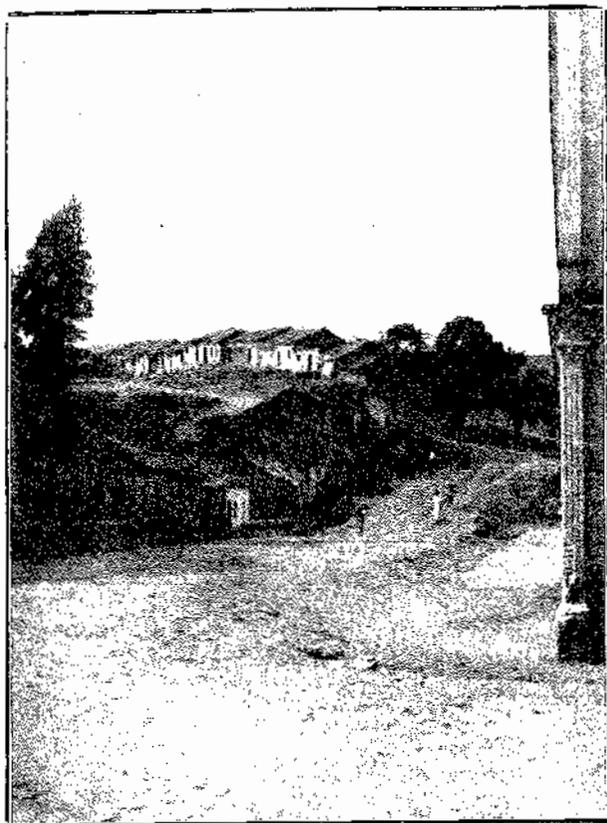


Foto 4 — Sômente agora, que novo surto de crescimento caracteriza a cidade do Crato, surgem, nas saídas para Juazeiro do Norte, Exú ou Lameiro, ao longo do rio Granjeiro ou mesmo aderindo ao morro do Seminário, arruamentos irregulares, ladeados por casinholas modestas, habitadas por uma população pobre. (Foto C. Krinckaut)

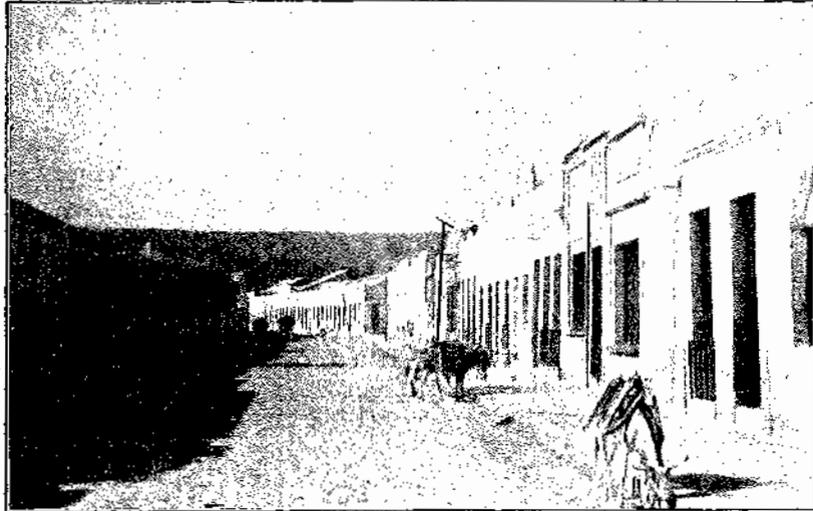
suem jardim. Sômente nos últimos anos, principalmente na saída para Lameiro, têm sido construídas inúmeras casas modernas e de bom gosto, com frentes e terrenos amplos e ajardinados. Na fachada, as janelas e portas dão acêso diretamente à calçada,

onde, à tardinha, reúnem-se as famílias para palestrar. O feitiço das habitações tem grande semelhança tanto interno quanto externamente. A planta é quase a mesma. Um compartimento amplo, com janelas e porta para a rua, é a sala de visitas, onde estão expostos os retratos dos antepassados, os santos da devoção da família, onde pode aparecer uma máquina de costura e, também, bordados executados pelas jovens. Um corredor conduz à sala de jantar, aos quartos, à cozinha, ao quintal. Os aposentos destinados a dormitório usualmente não possuem janelas; quando não há uma claraboia no teto, reina a penumbra, mesmo durante o dia. A ausência de fôrro nas casas torna-as menos anti-higiênicas.

Na periferia, a situação é toda outra. Ruas irregulares e empoeiradas, ladeadas por pequeninas habitações de pau-a-pique, baixas, de plantas quadrangulares, com uma ou, no máximo, duas dependências e cozinha, de tal forma construídas que parecem se sustentar umas às outras.

Os problemas urbanos do Crato, em grande parte, têm sido resolvidos satisfatoriamente. Desde o ano de 1912, a cidade é servida por luz elétrica. Desde 1939 foram aproveitadas as águas da aba da serra, para mover as turbinas que fornecem força e luz à cidade. Desde 1940, a cidade é servida por água encanada. Todavia, a rede cobre apenas uma parte do núcleo; daí a existência de torneiras públicas, nas quais se abastecem os habitantes dos morros (Seminário) e da periferia em geral. De qualquer maneira, no Crato não há aguadeiros. O problema de esgotos não foi ainda solucionado. Cada residência, ou grupo delas, possui fossa, cavada a uma profundidade que atinja o lençol freático. As fossas atingem profundidades às vezes superiores a 60 palmos. É evidente o perigo que esse fato acarreta para a saúde dos habitantes, particularmente da periferia. Em alguns casos, há sistemas particulares de escoamento de esgotos para o rio Grangeiro, bem a jusante da cidade, porém os resíduos são filtrados. Em uma das principais ruas da cidade, a Tristão Gonçalves, foi cavada e cimentada uma vala, para permitir o escoamento das águas de pequeno curso temporário e receber as águas pluviais. Hoje, vão ter alguns esgotos nessa vala que, descoberta como é, torna mais grave a situação desse setor de serviços públicos. Afóra esses aspectos, a cidade não possui outros problemas, a não ser o de abastecimento, que, todavia, considerada a dieta alimentar regional, é resolvido satisfatoriamente pelas feiras.

As funções do Crato são simples. Em situação de destaque aparece a função comercial. Bem menos importantes, mas nem por isso merecedoras de serem ignoradas, são as funções industrial, financeira e outras. A função comercial sobressai principalmente de-

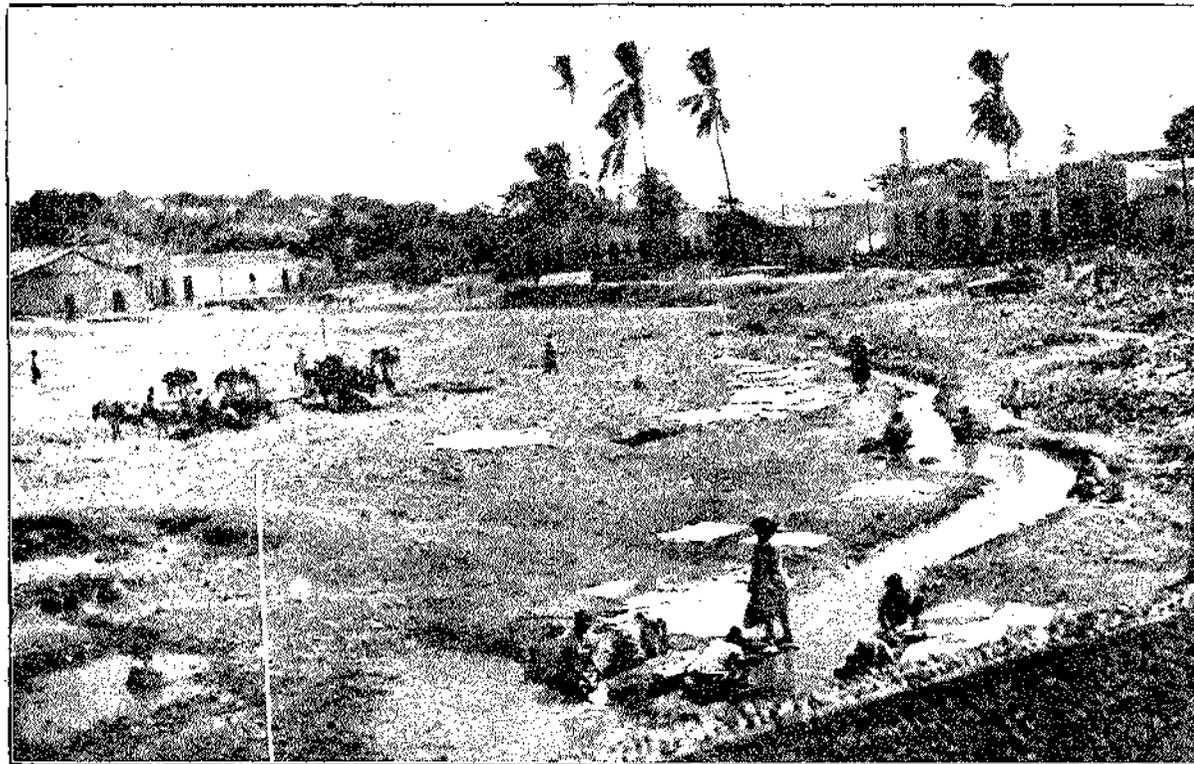


Foros 5 e 6 — Crato é uma cidade de edificações compactas. As ruas, praticamente tôdas edificadas, raramente são ladeadas por terrenos vagos. Verifique-se, nos dois trechos de ruas cratenses acima focalizados, a total ausência de recuo nas habitações, com a conseqüente inexistência de jardins.
(Fotos A. Ab'Sáber)

vido à situação relativamente privilegiada que o Crato desfruta quanto às vias de comunicações, entre as demais cidades do Cariri. O Crato não é somente a sede de uma das mais movimentadas feiras regionais, como veremos adiante; é também, e principalmente, um importante centro de comércio de mamona e rapadura, sendo esta distribuída pelo alto Sertão pernambucano, oeste paraibano, sul do Piauí, além de inúmeros mercados cearenses. Por outro lado, usufrue das vantagens de uma verdadeira "boca de sertão", sendo ponto terminal da R.V.C. — Aliás, é este fato, aliado à ascendência decorrente de sua antiguidade e de seu desenvolvimento, que possibilitou o incremento da função financeira da cidade. As operações comerciais das praças vizinhas, quer cearenses, quer paraibanas ou pernambucanas têm como principal centro o Crato. Daí encontrarmos nessa cidade uma agência do Banco do Brasil e a sede de outros dois Bancos, o "Banco do Cariri", instalado em 1921, e o "Banco Caixeiral do Crato", que data de 1931. A *função industrial* também não é descurável. Há 4 anos contava o município 428 estabelecimentos industriais, oficinas e ateliers. O número maior era representado pelos estabelecimentos da zona rural, graças principalmente aos engenhos de rapadura e aguardente, aos "aviamentos" de farinha de mandioca e às olarias. Todavia, mesmo na sede, destacavam-se alguns estabelecimentos de importância, como os de beneficiamento de algodão e arroz, fábricas de sabão e óleos vegetais, bebidas e outras. Como sinal dos tempos, destacam-se as oficinas para autos (13). Além das funções citadas, é interessante lembrar a *administrativa*. Centro comercial de destaque, centro financeiro e administrativo, cabeça de comarca (Crato, Barbalha, Jardim, Juazeiro do Norte, São Pedro), sede de bispado, sede da "Cooperativa Agrícola do Cariri" e da "Associação Agrícola e Pastoril do Cariri", abrigando duas associações comerciais, possuindo um Seminário Menor (padres lazaristas), colégio e escola normal, o Crato é, quer seja considerado sob o aspecto econômico, quer sob o aspecto cultural e social, a verdadeira "capital" do Cariri.

As comunicações. — Até meados do século XIX, da mesma forma que outros núcleos sertanejos, o Crato permanecia praticamente isolado, apenas possível de ser atingido a cavalo ou por tro-

(13) Era a seguinte a relação dos estabelecimentos industriais: 196 "aviamentos" de farinha de mandioca; 85 fábs. de rapadura; 13 ateliers; 12 alfaiatarias; 12 offic. p/ concerto de autos; 11 marcenarias e carpintarias; 10 fábs. de aguardente; 8 oficinas de ferreiro; 1 serraria; 1 niquelaria; 1 fáb. marmorito; 8 fábricas de bebidas; 8 olarias; 8 sapatarias; 6 torrefação de café; 5 beneficiamento de arroz; 4 funilarias; 4 offic. concerto/rádio; 3 estudos fotográficos; 2 fáb. de sabão e óleo vegt.; 2 offic. vulcanização; 2 fundições; 2 fáb. de doces; 2 fáb. cigarro; 2 fáb. mosaico; 2 ouiversária; 2 selarias. (Revista dos Municípios do Ceará — n.º 3 — ano II — outubro de 1952 Fortaleza — Ceará).



Foro 7 — Da mesma forma que a maioria dos cursos d'água do Sertão nordestino, o pequenino rio Granjeiro possui um leito desproporcional às suas águas. Entretanto, apresenta a característica de ser perene. A população pobre e, mórmente, as lavadeiras aproveitam seu filete de água. A jusante recebe esgotos. (Fot. C. Krinckaut)

pas de burros. Expressivo quanto nos diz R. Girão: "Na primeira metade do século XIX, Sobral e Icó eram, ao norte e ao sul, os pontos atingíveis por carros de boi. Vir do Crato à Capital era empreitada séria (tropas de burros em que, só nos preparativos, gastava-se mais de uma semana)" (14). Essa situação, parcialmente modificada pela utilização frequente dos carros de boi, perdurou praticamente até o início do século XX. Atualmente, os carros de boi já não mais são encontrados, pois desapareceram há alguns lustros. As tropas de burros, remanescentes do século passado, ainda são utilizadas, particularmente para distâncias relativamente pequenas, para as áreas não servidos por estradas de rodagem e, principalmente, para o transporte de mercadorias a serem vendidas nas feiras.

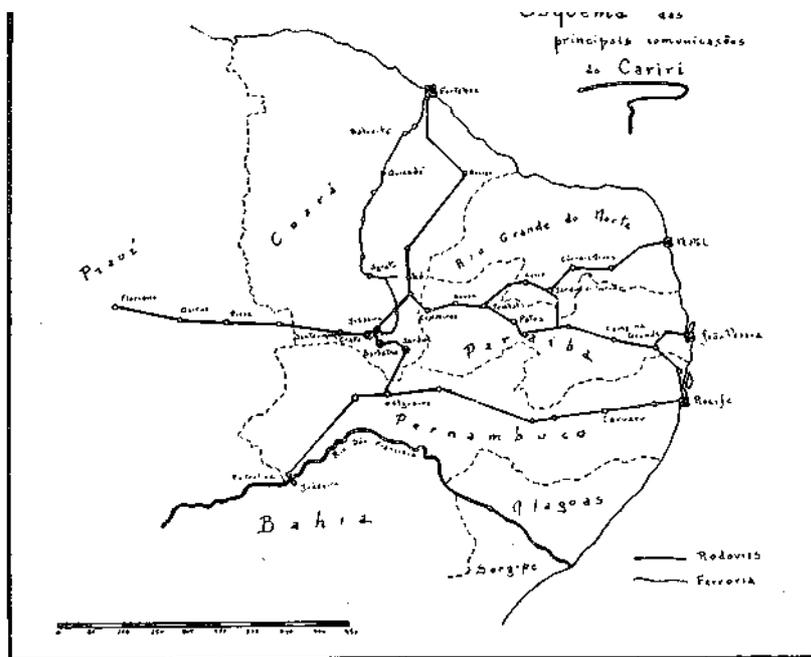
A partir do início do segundo quartel do presente século, toda essa situação sofreu radical transformação. Para isso contribuíram dois elementos fundamentais: a chegada da ferrovia e a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas. No dia 8 de novembro de 1926 chegaram ao Crato os trilhos da "R.C.V." Permitia-se, assim, comunicação relativamente rápida entre o Crato e Fortaleza. Apesar de passados praticamente 30 anos, a estação do Crato ainda permanece fim de linha. É natural que, conforme lembramos, tenha função de "boca de sertão", se bem que não muito típica. O Crato passou a centralizar os transportes de toda uma vasta área, compreendendo terras de Pernambuco, Paraíba e mesmo Piauí. Lembremos, entretanto, que, em grande parte dessa área, a ferrovia sofre a concorrência da rodovia, que dirige o movimento comercial para Recife e Campina Grande.

Bem mais importantes que as da instalações da ferrovia foram as repercussões das atividades da IFOCS. Estas se fizeram sentir através da construção de estradas de rodagem, as quais revolucionaram todo o sistema de comunicações e transportes preexistente. A estrada de rodagem permitiu que se inaugurasse, na região, a era do caminhão, que hoje constitui, sem dúvida alguma, o principal meio de transporte.

Atualmente, ônibus ("Jardineiras" localmente denominadas "sôpas"), caminhões (comuns ou mixtos), trafegam em todas as direções, aproveitando-se das rodovias existentes. Menos numerosos aparecem os automóveis e "jeeps".

Pela sua situação geográfica, pela importância de seu comércio, o Crato aparece como um dos principais centros de comunicações do sul cearense. As "sôpas" colocam-no em comunicação com cidades vizinhas, tais como Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão

(14) GIRÃO, Raimundo — Obra citada



Crato e as principais vias terrestres.

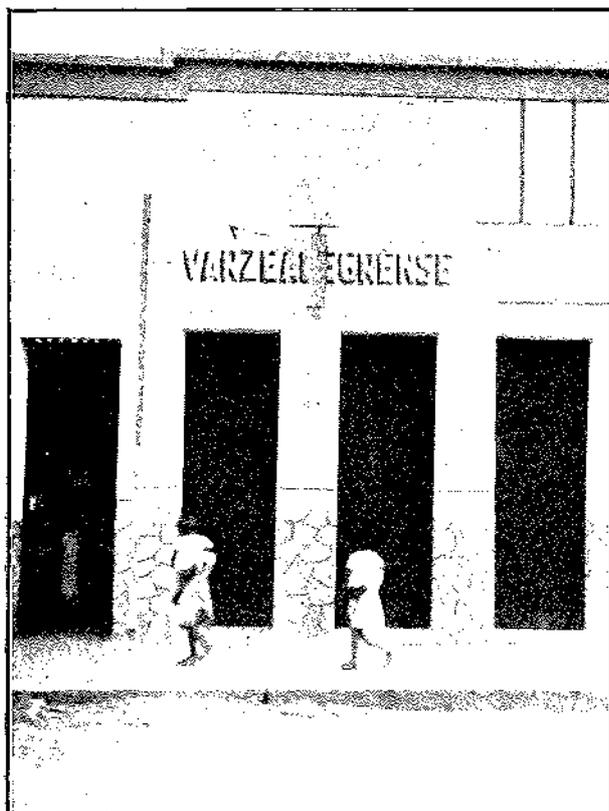


Foto 8 — Embora não pudessemos obter informes realmente seguros, tudo parece indicar que os habitantes do Cariri poucas vezes emigram. Entretanto, entre aqueles que procuram a região para fugir às secas, muitos são os que, em seguida, dirigem-se para o sul do país. Daí, também no Cariri, encontramos os "pau-de-arara"; daí existem, no Crato, duas agências de ônibus para São Paulo, uma das quais é focalizada pela fotografia.

(Foto P. Petrone)

Velha, Jardim, ou mais afastadas, como Quixará, Santanópolis, Exú, Mauriti, Várzea Alegre e outras. Muitas chegam até cidades pernambucanas e paraibanas. De particular intensidade é o tráfego entre Crato e Juazeiro do Norte, não só por "sôpas" como por ônibus modernos, "lotações" e caminhões.

Por intermédio de coletivos maiores, ônibus modernos, a cidade comunica-se com localidades distantes, como Campina Grande, Recife, Natal, Floriano, Petrolina. Do Crato e da vizinha Juazeiro do Norte, partem ônibus para São Paulo, os quais aproveitam-se da estrada para Salgueiro e Petrolina. Nem sempre o Crato é ponto inicial ou terminal de linha; entretanto, mesmo sendo apenas etapa intermediária, beneficia-se dessas linhas, como é o caso da Campina Grande — Floriano.

Os caminhões, especialmente os "mixtos", têm importância extraordinária não só para os transportes no Crato e arredores, mas para todo o Nordeste. Não se limitam ao transporte de mercadorias, funcionando como verdadeiros coletivos para passageiros (15). Os motoristas desses "mixtos", especialmente quando de linhas regulares em determinados itinerários, incumbem-se de levar encomendas e transmitir recados. Constituem verdadeiro sistema de transporte coletivo intermunicipal (16).

Por fim, lembramos que o Crato une-se a Fortaleza por via aérea através de aviões da "Aérop-Norte", estando o aeropórtu situado no vizinho município de Juazeiro do Norte (17).

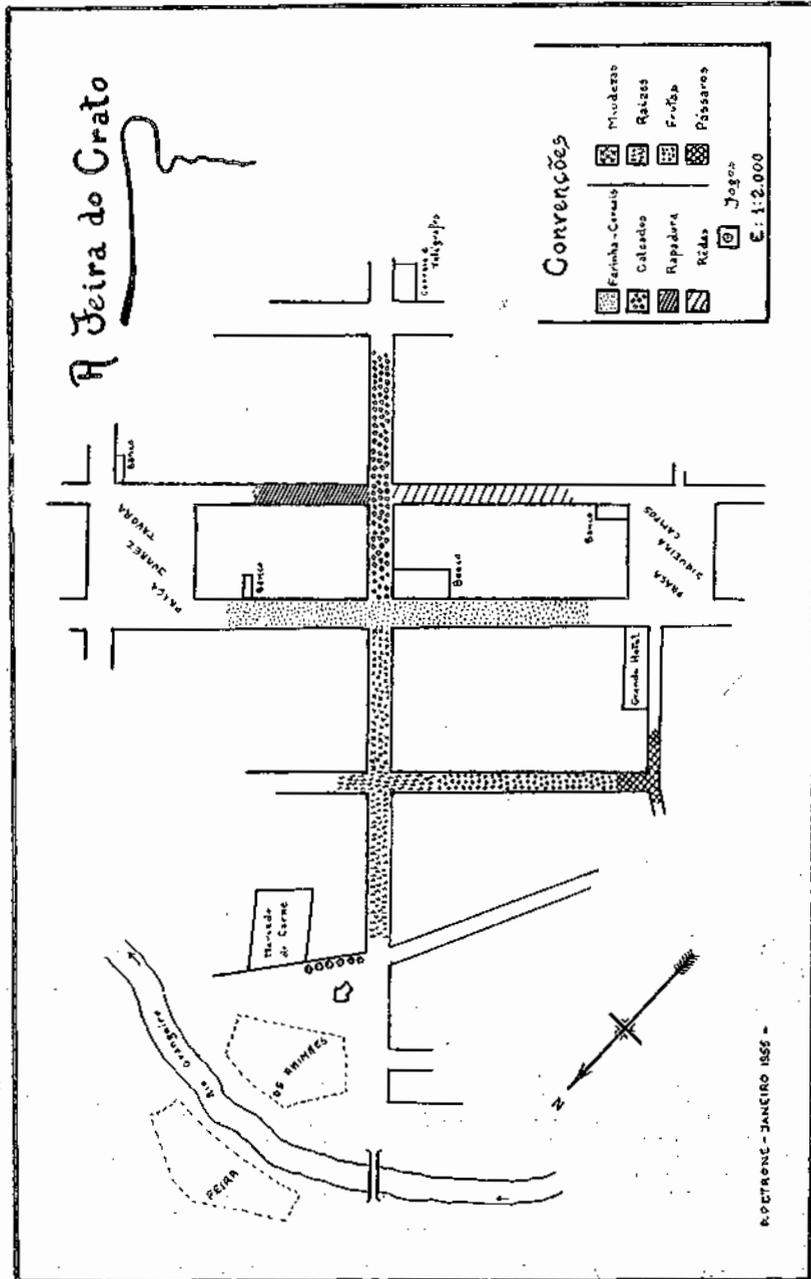
AS FEIRAS REGIONAIS

Generalidades. — Um dos aspectos mais sugestivos da vida econômica da região do Cariri é a feira. Realizada semanalmente, aparece, com maior ou menor importância, em todas as cidades da

(15) Em um que viajamos para Caicó, (no Rio Grande do Norte) iam 18 passageiros na hcléia (3 bancos com 6 a 7 lugares) e cerca de 30 na carga.

(16) Há uma linha regular de "mixtos" entre o Crato e Natal. A existência dessas linhas dá ensejo a que se estabeleçam, em trechos isolados da estrada (quando é muito grande a distância entre duas cidades), ou então em povoados, vilas e cidades, cafés, restaurantes, dormidas, postos de gasolina, oficinas mecânicas, etc.

(17) Para termos uma idéia da amplitude das comunicações do Crato com outras regiões, damos aqui alguns itinerários usuais, que são ilustrados pelo esquema anexo: 1 — Crato — Araripe — Fronteira — Picos (para Teresina) — Oeiras — Floriano ("sôpas" e caminhões). 2 — Crato — Juazeiro do Norte — Caririagu — Lavras — Icó — Russas — Pacajus — Fortaleza (caminhões). 3 — Crato — Juazeiro do Norte — Caririagu — Lavras — Cajazeiras — Souza — Pombal (Triângulo) — Catolé do Rocha — Brejo do Cruz — Caicó — Jardim do Seridó — Acari — Currais Novos — Santa Cruz — Macaíba — Natal ("mixtos"). 4 — Idêntico ao anterior até Caicó — Jardim do Seridó — Parelhas — Barra — Jazeirinho — Soledade — Campina Grande (para João Pessoa e Recife) Mixtos 5 — Idêntico ao anterior até Pombal — Patos — Barra — Jazeirinho — Campina Grande ("sôpas" e caminhões). 6 — Crato — Juazeiro do Norte — Barbalha — Missão Velha — Milagres — Jari — Salgueiro — Paranamirim — Petrolina (para São Paulo) ("sôpas" até Salgueiro, caminhões e ônibus).



região As feiras do Cariri são tradicionais. Repetem, nessa parte do Ceará, um dos traços mais típicos da vida econômica de todo o Nordeste. De certa forma, a feira representa uma reminiscência de um estágio relativamente atrasado do desenvolvimento econômico regional. É natural o seu aparecimento e a sua grande importância em uma área onde os meios de transporte eram e, em grande parte, continuam a ser precários, e onde dominavam sistemas e técnicas comerciais rudimentares; a feira evoluiu um pouco, tornando-se o local onde os produtos de regiões contíguas, economicamente diferentes, são adquiridos pelos que podem redistribuí-los. Persiste ainda — e este é seu traço mais sugestivo — como local onde, em princípio, trocam-se os produtos regionais ou então abastece-se a população da cidade onde se realiza e a de suas vizinhanças. Hoje, a feira transforma-se: para isso contribui principalmente o desenvolvimento dos meios de transporte. Não tardará muito para que adquiram a mesma fisionomia das feiras do sul, perdendo os traços peculiares, que as tornam um dos mais pitorescos aspectos do Nordeste.

A feira do Crato. — No Cariri, as mais importantes feiras são as do Crato e de Juazeiro do Norte. Entretanto, a primeira é a mais conhecida, a mais tradicional, com maior volume de negócios. Frões Abreu, referindo-se às cidades que se tornaram afamadas pelo movimento de suas feiras, após citar Campina Grande como a maior da Paraíba, lembra que “no Ceará é celebre a feira do Crato, onde são vultuosas as vendas de rapadura, farinhas e cereais” (18). Hoje, o Crato ainda possui a feira indiscutivelmente mais movimentada do Cariri e, possivelmente, de todo o Ceará.

Um dia de feira no Crato amanhece com movimento fóra do comum. Por todas as principais vias de acesso à cidade chegam tropas ou comboios de jumentos carregados com o produto a comercializar. No lombo carregam principalmente sacos com farinha ou cereais, caixas com rapadura, balaios com frutas. Pelo número de animais pode-se adivinhar da importância do vendedor. É bastante comum o aparecimento de pequeno sitiante, ou mesmo do “morador” ou agregado, acompanhado por um a três jumentos, quase sempre carregados com cereais, farinha ou frutos. De outros municípios e, mesmo, dos Estados vizinhos, chegam caminhões carregados, que deverão regressar com carga de produtos da região. Até aproximadamente 7-8 horas, instalam-se barracas, tabuleiros ou simplesmente empilha-se a mercadoria ao longo da rua. Dessa hora em diante, têm início os negócios e, durante o dia todo, a cidade como que se transforma em um grande mercado. As ruas e praças, ocupa-

(18) ABREU, Sílvia Frões — “O Nordeste do Brasil” — Rio — 1929.



Foto 9 — Um flagrante pitoresco da feira do Crato. (Foto A. Ab'Sáber)

das pelos vendedores, e os logradouros vizinhos adquirem um movimento extraordinário. Formigam de gente. Os pregões dos feirantes, a algazarra dos moleques a tocar os jumentos, o ronco de motores e o buzinar dos caminhões, gritos de carregadores que pedem passagem no seio do povaréu, o canto do esmolér cego, os aplausos, exclamações e murúrios de admiração pelo contorsionista que se exhibe em meio a ampla roda de curiosos, tudo fornece à cidade uma agitação insólita, uma aparência de confusão, tudo é pitoresco e desordenado. Em tórno das barracas, das banquinhas de madeira, das pilhas de rapaduras ou pirâmides de frutos, junto a um lote de animais, negocia-se, discutindo animadamente, quase sempre em altas vozes. Os cafés e botequins, as barraquinhas e tabuleiros ficam repletos de freguêses. A maioria, regra geral, é de fóra da cidade. Geralmente são sitiantes dos arredores e municípios vizinhos, particularmente Juazeiro do Norte, Missão Velha e Barbalha. Todavia, não é raro encontrar pernambucanos, paraibanos e mesmo riograndenses do norte. Em certos casos, no Crato assim sucede, grupos numerosos formam-se em tórno de banquinhas de jógos, cêrca de uma dúzia, ou, então, junto ao tiro ao alvo. Há uma desenfreada jogatina ao ar livre, em que, frequentemente, o caboclo perde quanto conseguiu com a venda do produto que trouxe para a feira.

Vende-se e, com frequência, troca-se de tudo nessas feiras. Entretanto, dominam os produtos regionais. Os diferentes tipos de mercadorias são expostos com uma certa ordem pelas ruas e praças da cidade. Na rua João Pessoa, entre a Praça Siqueira Campos e Praça Juarez Távora, dispõem-se principalmente as barracas de farinha e, secundariamente, as de cereais. Nota-se que não existem balanças; todo o comércio é ainda efetuado adotando-se antigas medidas de capacidade. Na rua Bárbara de Alencar, entre as ruas João Pessoa e Santos Dumont, localizam-se as barracas de miudêzas e missangas, onde se vendem rosários, colares, pentes, sabonetes, perfumes, facas de ponta, facões, rendas, figas, alfinetes, espelhos, fitas, etc. Na mesma rua, e em parte da rua Santos Dumont, dispostas as mercadorias em tabuleiros ou esteiras de palha de carnaúba, pelo chão, vendem-se sementes, raízes de paus medicinais, figas, mesinhas, pitos de barro, tempêros, chocalhos. Na rua Santos Dumont, até a rua José de Alencar, aparecem pirâmides de frutas, principalmente abacaxi, piqui, ciriguela, umbú, manga, mangaba, abacate, lima, ananás, banana e outras; aí também vendem-se abóboras e, um pouco separados, estão os vendedores de cêstos e balaios. Na rua Bárbara de Alencar, desde João Pessoa até Tristão Gonçalves, enfileiram-se as barracas de calçados. São sapatos, botinas, e, principalmente, alpercatas e sandálias. Na rua Senador Pompeu,



Foro 10 — Outro aspecto da feira do Crato. (Foto A. Ab'Sáber)



Foro 11 — Junto ao Granjeiro são deixados os animais utilizados para o transporte de mercadorias a negociar na feira do Crato. (Foto A. Ab'Sáber)

em direção à Praça Siqueira Campos, estão os vendedores de rêdes e de louças de barro; para os lados da praça Juarez Távora, aparecem pilhas de "tijolos" de rapadura. Na esquina da rua Santo Dumout com José de Alencar, agrupam-se os vendedores de gaiolas e pássaros. Próximo ao rio, no fim da rua Bárbara de Alencar, ficam os animais dos feirantes; aí negocia-se, por compra a dinheiro ou por simples troca, cavalos, jumentos, mulas e porcos. Em frente, localiza-se o mercado de carne. É aí também que se enfileiram as banquinhas de jogos. No largo que existe nessa parte da cidade e em outros trechos, estacionam, à espera de mercadorias e passageiros, "sôpas" e principalmente, caminhões e "mixtos", de Salgueiro, Icó, Caicó, Natal, Campina Grande, etc. (19).

CONCLUSÕES

Com tradições que a individualizam no conjunto das cidades do meridiano cearense, desfrutando das vantagens de situação geográfica que lhe permite sugestiva posição como centro econômico do Cariri, o Crato é, sem nenhuma dúvida, a verdadeira capital regional do conjunto de terras que integram os municípios ao norte do Araripe.

Cidade onde a análise de seu desenvolvimento, das características do espaço urbano, das suas funções e problemas, assim como do ritmo de vida de seus habitantes, nos fornece um quadro de núcleo já amadurecido, o Crato pode, e deve, por isso mesmo, ser considerado um elemento imprescindível na solução de alguns dos problemas que afligem o Ceará.

Quando não é raro que pessoas de responsabilidade defendam a tese derrotista de que a solução para os problemas resultantes das secas é o abandono dessas áreas, nunca é demais lembrar que no próprio Nordeste, ilhadas em plena zona semi-árida, encontramos áreas como a que circunda a cidade do Crato, onde, a tendência natural que se manifesta pelos retirantes pode ser norteada no sentido de um racional aproveitamento do solo de modo a possibilitar a aplicação de braços no incremento econômico das próprias áreas nordestinas.

(19) Chama a atenção a pobreza em legumes e verduras, nessa como em outras feiras do Cariri.